

**UNIVERSIDADE DO ESTADO AMAZONAS  
ESCOLA NORMAL SUPERIOR  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**JESSICA PAULA COSTA**

**RODAS, EXPERIÊNCIAS DOCENTES E EDUCAÇÃO INFANTIL**

**MANAUS-AM**

**2022**

JESSICA PAULA COSTA

## **RODAS, EXPERIÊNCIAS DOCENTES E EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica II, do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas- UEA, como requisito à conclusão de Curso e elaborado sob orientação do Prof. Me. Monica Silva Aikawa e coorientação do Prof. Me. Wenderson Cruz da Silva.

**MANAUS-AM**

**2022**

### **Ficha Catalográfica**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

C837rr Costa, Jessica Paula  
Rodas, experiências docentes e educação infantil /  
Jessica Paula Costa. Manaus : [s.n], 2022.  
36 f.: color.; 297 cm.

TCC - Licenciatura em Pedagogia - Universidade do  
Estado do Amazonas, Manaus, 2022.

Inclui bibliografia

Orientador: Aikawa, Monica Silva

Coorientador: Silva, Wenderson Cruz

1. Roda de leitura. 2. Educação Infantil. 3. Formação  
de professores. 4. Pesquisa Narrativa. 5. Experiência .  
I. Aikawa, Monica Silva (Orient.). II. Silva, Wenderson  
Cruz (Coorient.). III. Universidade do Estado do  
Amazonas. IV. Rodas, experiências docentes e educação  
infantil

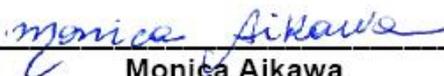
**Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463**

JESSICA PAULA COSTA

## RODAS, EXPERIÊNCIAS DOCENTES E EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica II, do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas- UEA, como requisito à conclusão de Curso e elaborado sob orientação do Prof. Me. Monica Silva Aikawa e Prof. Me. Wenderson Cruz da Silva

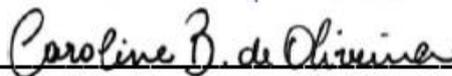
### BANCA EXAMINADORA



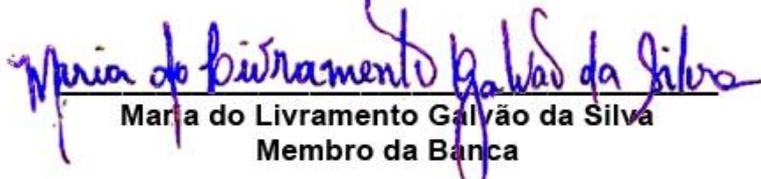
**Monica Aikawa**  
Orientadora

  
Professor de Ensino Superior

**Wenderson Cruz da Silva**  
Co-orientador



**Caroline Barroncas de Oliveira**  
Membro da Banca



**Maria do Livramento Galvão da Silva**  
Membro da Banca

Dedico esta monografia  
primeiramente a Deus e a minha família  
por todo o apoio necessário para essa  
conquista.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, pela coragem e disciplina que tem me permitido caminhar até aqui, mesmo com todas as dificuldades neste processo.

Dedico esse Trabalho de Conclusão de Curso principalmente para minha família, em especial à minha irmã, pois seus conselhos e direcionamentos foram essenciais para essa conquista.

Para a minha mãe, serei eternamente grata pelo apoio, compreensão e acolhimento que tem comigo em meio à tantas adversidades.

Quero deixar um agradecimento em especial as professoras que me acolheram nas Escolas por onde passei, por todos os ensinamentos, confiança e apoio, levarei todos os conselhos para a minha vida docente. Vocês marcaram um período muito importante da minha vida.

Aos meus professores, agradeço pelo incentivo e dedicação, enaltecendo também a importância deles na produção deste estudo sistematizado, pois sem eles não teria chegado onde estou, principalmente devido ao auxílio excelente que tem comigo e nem teria sido orientada tão bem quanto fizeram por mim.

*Eu sou aquela mulher  
a quem o tempo muito ensinou.  
Ensinou a amar a vida  
e não desistir da luta,  
recomeçar na derrota,  
renunciar a palavras  
e pensamentos negativos.  
Acreditar nos valores humanos  
e ser otimista.*

*Cora Coralina*

## RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre as rodas de leitura e suas nuances, tais como: sua simbologia, processos formativos, letramento, criança de educação infantil, e formação docente. Aqui trago vivências de minha formação inicial de professora. Assim, este estudo teve como objetivo refletir sobre minha experiência de professora (pedagoga) em formação com as rodas de leitura na educação infantil. Os objetivos específicos foram: vivenciar as rodas de leitura com as crianças da educação infantil e registrar essas as vivências com as rodas de leitura suscitando os elementos formativos. Essa pesquisa se configura em qualitativa em educação, fundada em processo de ação-reflexão acerca de minhas práticas com as rodas de leitura na educação infantil, vividas paralelamente ao período que compreendeu meu processo de formação inicial no Curso de Licenciatura em Pedagogia. Entre os resultados, temos que rodas, docência e educação infantil seguem na construção de uma lógica diferente do ensinar, horizontalizando as relações e dando espaço para uma forma alternativa de viver sua ampliação de saberes sobre a cultura, em especial, com a leitura.

**Palavras-chave:** Roda de leitura, Educação Infantil, Formação de professores.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1-Rodas e suas conexões.....	16
Figura 2- Incentivo à leitura.....	22
Figura 3-Desenvolvimento de habilidades.....	24
Figura 4-Roda de leitura.....	25

## **LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS**

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

DCNEI- Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil

ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente

PPP- Projeto Político Pedagógico

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TEA- Transtorno Espectro Autista

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 RODAS, LEITURA E EDUCAÇÃO INFANTIL	14
1.1 Simbologia da roda e os processos formativos circulares	14
1.2 As rodas de leitura na Educação Infantil	17
1.3 Criança de Educação Infantil, roda e letramento	20
2 CIRCULANDO ENTRE SABERES DOCENTES COM RODAS DE LEITURA	26
2.1 Rodas de leitura na Educação Infantil	26
2.2 As rodas e a formação docente	30
CONSIDERAÇÕES	33
REFERÊNCIAS	35

## INTRODUÇÃO

Quando iniciamos o processo de formação docente na prática escolar, vi que as professoras estimulavam a leitura e contação de histórias com as crianças em diversos momentos, percebia isso como algo prazeroso e divertido. Ao sentar no chão, as professoras cantavam música, apresentavam imagens e objetos para o manuseio de personagens das histórias, introduzindo um assunto e fazendo com que as crianças contassem suas prévias sobre ele.

Mas o que nos chamou a atenção foi o modo como as crianças ouviam atentamente as histórias e sempre ao final contavam o que os surpreendia. O sentimento de nostalgia sempre me ocorria durante essas rodas de leitura, voltava para as memórias de minha infância e até a lembrança da imagem de uma professora que marcou esta jornada escolar nos primeiros anos, a partir da Roda de Leitura.

Agora, enquanto professora auxiliar, na realização de minha primeira roda de leitura, o interesse em registro dessa vivência com a contação de história em meu Trabalho de Conclusão de Curso, surge como uma oportunidade formativa. Após essa primeira roda de conversa, as crianças contavam os momentos que compartilharam na escola aos amigos e família. Nesse momento, reporto-me ao tempo em que um dia eu também havia vivido, em ouvir e colaborar nas contação de história das professoras. Curiosidade e uma grande expectativa por esses momentos me seguiam durante toda semana.

Através dessas memórias enxergo modos para alcançar crianças, com as histórias e atividades em roda. No tocante ao tema, lembro que elas expuseram sobre seus sentimentos, seus medos e suas angústias e finalmente vejo um pouco de cada um, além de entender o que se passava na turma em que trabalhava.

Esse momento se repetiu por vários dias e as crianças pediam por mais histórias, traziam seus livros e contavam em casa sobre as aventuras dos personagens e suas descobertas. Passo a uma busca por histórias que vinculasse as leituras com a realidade em que as crianças da turma.

Com o passar do tempo a roda de leitura se tornou um projeto oficial da escola, o que começou de modo avulso foi ganhando um horário fixo e mais recursos para serem trabalhados. Na rotina que era fixada na parede eles contavam quantas atividades faltavam para o momento do projeto, até mesmo quando chegavam já perguntavam qual seria a história do dia, mesmo sendo um projeto institucionalizado

aquele momento continuava sendo fluido e leve, também muito esperado. Elas estavam livres para falar sobre o que sentiam e trabalhávamos com uma escuta sensível entre cada fala.

Foi então que passo a desenvolver práticas pedagógicas a respeito do tema e abro novas oportunidades para que elas pudessem construir novas experiências em que tivessem sua vez para recriar e contar suas próprias histórias, tal como nos apresenta a BNCC:

Na educação infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BNCC, 2017, p. 40).

Assim compreendendo a complexidade da criança pequena e sua infância, numa perspectiva de formação integral, (re)penso uma educação voltada para o acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno. Vejo que uma construção intencional nos processos educativos que promovam aprendizagens, sintonize com as necessidades e desafios da sociedade contemporânea são necessários. Nessa perspectiva definimos como tema do projeto de pesquisa rodas na educação infantil, pois isto me interessa desde minhas primeiras vivências nesta área. Delimitando nas minhas experiências como docente em formação que trabalha com rodas de leitura na educação infantil.

Desse modo, explicitamos como problema de pesquisa: Que reflexões a experiência com as rodas de leitura na Educação Infantil suscitaram-me enquanto professora em formação?

No que concerne ao objetivo geral da pesquisa, busquei refletir sobre minha experiência de professora (em formação) com as rodas de leitura na educação infantil. Além disso, foram delimitados com os objetivos específicos de vivenciar as rodas de leitura com as crianças da educação infantil e registrar essas as vivências com as rodas de leitura suscitando os elementos formativos.

Essa pesquisa se configura em qualitativa em educação, fundada em processo de reflexão-ação acerca de práticas pedagógicas vividas paralelamente ao período que compreendeu meu processo de formação docente inicial. A prática destacada foi a experiência em roda de leituras, vivida numa instituição educativa, na qual atuo com

uma turma da Educação Infantil, com crianças em idade pré-escolar, na qual foram realizadas rodas de leituras no ano de 2021, entre os meses de fevereiro e dezembro. Entre os instrumentos apresentam-se escritas no formato de diários, registros de aula, narrativas orais, narrativas escritas e notas de campo. Com as quais levanto uma discussão das vivências com as rodas de leitura na relação dos autores e a experiência vivida face a este processo formativo docente.

Este TCC, foi organizado em dois capítulos. No primeiro, trago as escritas sobre os enunciados de roda, leitura e Educação Infantil, partindo de sua simbologia, os processos formativos, a roda de leitura e compreensões sobre letramento. Além de uma breve escrita sobre a criança de Educação Infantil.

No segundo capítulo, circulando entre os saberes docentes e a experiência com a roda de leitura. Sendo apresentado as reflexões sobre minha prática, a turma, os planejamentos, os pensamentos e sentimentos em relação às vivências com a turma e a formação docente.

Assim sendo, convido a prestigiar a leitura tão presente na vida, seja quando crianças ou trabalhando com as rodas de leitura. E está feito o convite a participar desta roda.

## 1 RODAS, LEITURA E EDUCAÇÃO INFANTIL

O primeiro passo para isso é começarmos a pensar sobre a importância da roda de leitura na educação infantil, em que a leitura se constitui em meio as muitas linguagens da criança. É preciso em primeiro lugar que o professor seja leitor, goste de ler para que as crianças se encantem pela beleza de um livro (SILVA, 1998).

### 1.1 Simbologia da roda e os processos formativos circulares

A roda segue presente na história da humanidade desde a pré-história e se constitui como um marco tecnológico. As aulas de história na educação básica nos ensinaram que a roda esteve presente nas primeiras formas de locomoção do homem primitivo, instaurou-se nas bigas e esteve presente em grandes guerras. Ao mesmo tempo, seus aspectos circulares compõem questões culturais de povos tradicionais desde sua origem até os dias atuais (LOURENÇO, 2019), assim como, compõem as estruturas planetárias, nos astros e atômicas, celulares.

A forma circular encontra-se no micro e macrocosmo. Facilmente visível na natureza, dos discos solares e da lua, nas plantas e estruturas geológicas naturais, é perceptível também no corpo humano como, por exemplo, no desenho das células ou no desenho dos olhos. (OSTETTO, p.182, 2009).

Ou seja, o círculo é um símbolo que está frequentemente em nosso meio, fazendo parte da nossa história, carregando consigo muitos significados e representações no decorrer do tempo e espaço.

Dessa forma, o homem sempre procurou encontrar recursos e entender o funcionamento da natureza de modo a garantir sua sobrevivência e qualidade de vida. Sendo assim, reconheceram no ambiente, seus processos, estações e elementos naturais que se renovam em uma constante, contendo no mesmo símbolo seu início e fim, sem divisões. Em diferentes culturas o círculo representa o universo em todas as suas manifestações de modo que o sol é o ponto central (OSTETTO, 2009).

Percebemos que Ostetto ainda faz análises com o estudo de Jung (2001) que retrata a simbologia nas psiques sobre a forma circular em mandalas que é muito desenhada pelos seus pacientes. Sendo compreendido como uma imagem que sugere o desconhecido ou oculto trazendo um significado além do convencional para nós.

A forma circular indicaria sempre o mais importante aspecto da vida – sua extrema e integral totalização que converge para o centro. Escrevendo sobre esse processo na sua autobiografia, testemunha: “Só quando comecei a pintar as mandalas vi que o caminho que seria necessário percorrer e cada passo que deveria dar, tudo convergia para um dado ponto, o centro. Compreendi sempre mais claramente que a mandala exprime o centro e que é expressão de todos os caminhos: é o caminho que conduz a centro, à individuação. (Jung, 2002, p.174 apud OSTETTO, 2009. p. 185).

Podemos dizer que as sociedades em sua integralidade convergem para o centro, este formato nos representa enquanto iguais dentro das diferenças.

Quando pensamos nas mitologias, nossa espécie sempre está procurando um centro de equilíbrio. Lourenço (2019) retrata que na perspectiva do psicológico o seu desenvolvimento surge quando ele vai em busca desse centro de equilíbrio, o que faz parte do processo de individuação humana. Além disso, Jung (1999) afirma que o homem é capaz de atingir sua totalidade, desabrochando totalidade originária que vem desde o processo embrionário. Ainda é possível perceber que os autores trazem reflexões de que o círculo não é limitado, mas faz parte de uma totalidade sendo uma forma perfeita pois não contém quebras ou algo ainda oculto para nós, de modo que podemos expandir novos horizontes e nos reinventar.

Entendemos assim uma necessidade humana de nos comunicar, expressar e conviver uns com os outros, nossos antepassados se reuniam em volta de fogueiras de modo que elas permitissem essa troca de informações e experiências. Faziam suas transmissões de pensamentos, narravam fatos que mesmo acontecendo com toda a sociedade para ele poderia ter um impacto diferente, nessa troca é que fazemos cultura até hoje.

Nossas histórias e lendas, muito das tradições orais de nosso povo foram criadas/perpetuadas a partir dessas reuniões, o que era feito para entreter e dar uma visão moral dos fatos foram passados de gerações em gerações. Crônicas e canções foram a forma de registro dessa história real e vivida da humanidade. Até mesmo as crenças religiosas são manifestadas também em grupo dessa forma, onde todas podem ser vistas, em qualquer ponto é possível enxergar o próximo, o que nos torna mais unidos e traz o sentimento de acolhimento e a representação da roda emerge nas relações de vida dos sujeitos.

Durante toda a nossa vida nos encontramos em rodas que nos permitem expressar melhor e ser apoiado por outras pessoas que já passaram ou estão enfrentando as mesmas fases ou questões. Sejam elas as de estudos, maternidades,

religiosidade, grupos de apoio, terapias ou simplesmente rodas de amizades. Em nossas experiências, as rodas foram importantes pois ofereciam apoio e tinham retorno, como por exemplo rodas de estudos, conversas e círculo social. Permitindo-nos dialogar sobre anseios e dificuldades, de modo a superar junto com outras pessoas, trazendo o sentimento de pertencimento. São nessas perspectivas que aprendemos a lidar com o mundo ao nosso redor, estabelecemos conexões com o outro e com o ambiente, com a vida.

Figura 1-Rodas e suas conexões



Fonte: Creche e Escola Planeta Bebê. No Dia da Árvore, Manaus-Am, 21 set 2021 Instagram: @crecheplanetabebe .Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CUGXX6fLKnP/> Acesso em: 20 de maio de 2022.

A foto em destaque apresenta um grupo de crianças ao redor do tronco de uma árvore, e em meio as comemorações de uma data comemorativa simbólica, elas se conectam com esta parte da natureza a partir de uma roda.

Em meio a tantos espaços de aprendizagem encontrados na realização de rodas, podemos destacar: liberdade de expressão, compartilhamento de ideias e a dinâmica que a mesma traz para seus participantes. A roda pode ter um objetivo acadêmico ou social, faz-se oportuna na área pedagógica e educacional, pois pode ser capaz de auxiliar o ser humano a se reconectar com a ancestralidade, com a liberdade, com a expressão e compartilhamento de ideias em coletivo e sem hierarquização.

## 1.2 As rodas de leitura na Educação Infantil

As rodas acabaram por se tornar rotineiras na educação infantil, por vezes vemos rodas de “conversa” sendo realizadas no início da aula, rodas de leitura por vezes no sentido de antecipação da alfabetização. Mas o fato que nos chama atenção é que o formato circular por si só não garante a equidade nos movimentos formativos. Então, nos perguntamos: qual a necessidade da roda? Que características pedagógicas ela pode construir? Como esta prática pode ser vivida na educação infantil, de modo que colabore com o protagonismo e autonomia das crianças pequenas? Em especial, as em idade pré-escolar, das quais tratamos neste TCC?

Assim, lembramos de Freire, com seus círculos de cultura que apesar de envolver as questões pedagógicas com adultos, muito nos ensina sobre o ato de mediação pedagógica. Os círculos de cultura, eram rodas vividas no processo de educação e foram desenvolvidas para contrapor o método tradicional de ensino, aquele no qual o aluno não tem voz e nem autonomia, modificando a posição do professor como o único detentor do saber.

Essa prática de rodas no ensino ganhou destaque com Paulo Freire (1987), no qual desenvolveu um trabalho com alfabetização para adultos, publicado pela primeira vez em seu livro Educação como prática da liberdade em 1967, no qual seu ato de ensinar é fundado no círculo da cultura, as aulas eram feitas a partir de um tema que eram escolhidos pelos próprios educandos e a disposição em roda representava uma mudança na hierarquização das posições sociais na escola:

Paulo Freire não ensina repetir palavras, não se restringe a desenvolver a capacidade de pensá-las segundo as exigências lógicas do discurso abstrato; simplesmente coloca o alfabetizando em condições de poder re-existenciar criticamente as palavras de seu mundo, para, na oportunidade devida, saber e poder dizer a sua palavra (FREIRE, 1987, p.7).

Foi através da cultura dos seus integrantes que Freire compreendeu a leitura de mundo deles e passou a alfabetizar os adultos de suas turmas a partir de palavras geradoras advindas de suas realidades, que em sua maioria se constituíam em trabalhadores do campo. Entretanto, a grande marca dessa ideia de alfabetização no caminho de libertação, desalienação e posicionamento político.

Freire foi um dos autores que fizeram os estudiosos da educação, refletir sobre o ensino mecânico, precário e dominador das escolas, principalmente

para as crianças, propenso a criar uma classe alienada e tecnicista, já que a maior parte do tempo de vida da criança é vivida dentro da escola. (SILVA, 2012, p. 49).

Essa perspectiva freiriana marcou nossa educação e apresentou um modo diferente de ensino. Essa prática mediante palavras presentes na realidade dos educandos e o debate de experiências de vida entre si foi sendo adaptada por outros educadores, já na educação infantil a conhecemos por vários nomes, roda de conversa, roda de leitura, roda de música, brincadeiras de roda, acolhida ou esse formato pode aparecer na organização da sala de referência da turma.

Segundo Silva (2012), o primeiro a trazer a roda de conversa para a educação infantil foi Freinet, sendo esta considerada um “instrumento de sua pedagogia”, pois para ele a roda “visa à livre expressão” e se constitui “um momento privilegiado no atendimento à necessidade de exprimir sentimentos e ideias e comunicar-se com os outros” (p. 48).

Na dinâmica da escola, a roda é uma estratégia bastante utilizada, uma vez que toda a estrutura em que é planejada traz o objetivo de favorecer a manifestação de sentimentos, desenvolver diálogos, livre expressão da criança.

Em nossa experiência enquanto professora, podemos citar a utilização de livros paradidáticos que trazem a oportunidade de trabalharmos reflexões sobre valores e regras para uma boa convivência. Apresentando ao grupo, a partir da literatura infantil, uma compreensão/leitura de realidades.

Trazer a roda para a educação pré-escolar nos faz pensar sobre um conceito diferente de criança, que não mais aquela calada e quieta, sem saberes e vivências anteriores à vida escolar:

Essa concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré-escola. (BRASIL, 2017).

Ainda em ditos sobre as rodas, Silva (2012) fala que essa prática nos permite observar o progresso que desde a mais tenra idade é possível alcançar se desenvolvidas de maneira intencional, como todas as práticas escolares na qual a roda de leitura, de conversa estão inseridas. Pois, no ambiente escolar, mesmo sendo

em um contexto infantil, cada ação é planejada buscando o alcance de objetivos de desenvolvimento integral da criança, considerando os marcos do desenvolvimento pelo qual atravessam.

Dessa forma, conseguimos das crianças consideráveis informações ampliando as possibilidades para sua formação humana, colaborando com a efetivação da garantia de seus direitos de aprendizagem na jornada escolar e fortalecimento de aspectos fundamentais do desenvolvimento infantil.

Podemos dizer que as rodas na educação infantil são um ato necessário para a leitura, a escuta, a conversa, a brincadeira, a fala, o desenho, a pintura, a música, ou seja, o aprendizado em suas diferentes e mais variadas linguagens. Esse momento permite encontrar opiniões, gostos e jeitos diferentes, entender que a fala de todos precisa ser ouvida com respeito e acolhimento, que existem maneiras de brincar diferentes entre outras coisas, afinal cada criança participa de um círculo cultural diferente pois cada família tem seus valores. Assim se atende um campo de experiência da BNCC.

**O eu, o outro e o nós** – É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. Por sua vez, na Educação Infantil, é preciso criar oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas. Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos. (BRASIL, 2017).

Mas antes de atender a um item da BNCC, as rodas na educação infantil atendem às próprias crianças, em suas múltiplas linguagens.

Outra questão de se trabalhar com rodas é a de disponibilizar o momento de acolhidas, são nesses momentos que trabalhamos as cantigas de rodas, podemos apresentar o assunto da aula ou enfatizar a rotina daquele dia. O fato é que se faz necessário abrir espaço para que a criança fale sobre suas observações, sentimentos, hipóteses e vivências.

### 1.3 Criança de Educação Infantil, roda e letramento

Na disciplina História da Criança pudemos conhecer um pouco sobre a ideia de criança construída na história da Humanidade e essa ideia foi acompanhando a necessidade da sociedade. Em resumo, lembramos que a criança foi vista inicialmente como o miniadulto ou criança-adulto, depois passa a ser vista como criança-filho-aluno e hoje caminhamos para a compreensão de criança como sujeito social (SEBASTIANI, 2008).

A autora (*Ibidem*, 2008) destaca que a primeira identidade, criança-adulto é marcada pela negação da infância, pois colocava a criança como natureza sagrada e um ser sem humanidade. A imagem de miniadulto surge, pois a criança somente se torna pessoa quando incluída no mundo dos adultos, onde as pessoas se divertiam com ela, tal como um animal de estimação.

A segunda identidade, criança-filho-aluno, também pode ser chamada de criança institucionalizada, pois com a Revolução Industrial emerge a família moderna onde a mulher segue para o mercado de trabalho e a infância se torna centro de interesse de ensino para os adultos. A criança existe dentro das relações de poder dos adultos (SEBASTIANI, 2008).

Já na terceira identidade, a criança é vista como um sujeito social, há várias formas de ver a infância, a depender de seu nível socioeconômico. Mas apesar de diferentes, cada situação tem a sua forma de socialização, sua condição financeira, suas brincadeiras e seu tempo de escolarização. Nesta idade a criança é entendida como protagonista (*Ibidem*, 2008).

Independentemente da situação econômica, histórica e cultural as crianças podem apresentar as várias facetas de infâncias, afinal nem todas vivem do mesmo jeito, umas tem brinquedos e outros recursos educativos, porém outras podem não ter comida em casa. Com isso, pode-se perceber uma diversidade quando se fala em infâncias que podem até mesmo coexistir em um mesmo lugar e tempo.

Essas crianças são o público no qual a educação infantil atende, de modo que atualmente é compreendida como uma etapa em que o cuidado e a educação são fundamentais para garantir a aprendizagem, sendo a base educacional. Deste modo “ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio” (BNCC,2017, p.38).

E vale ressaltar que há diferenças entre o conceito de criança e infância. Entende-se a criança como um ser global, única e protagonista de sua própria história e identidade. Já a infância é um direito da criança que vem sendo assegurada pela Constituição de 1988 e o Estatuto da Criança e do adolescente (ECA) em 1990 onde define como criança no Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

A educação infantil se constitui em uma fase de maior desenvolvimento para os bebês e crianças pequenas, nessa faixa etária ocorre seu primeiro contato com a educação básica, todo aprendizado é vivido em interações e brincadeiras (BRASIL, 2010). Assim, precisamos valorizá-las e respeitá-las, possibilitando a sua construção de identidade.

A DCNEI (2010) nos fala da garantia de que todas as crianças se desenvolvam dentro de suas potencialidades e proporcionando a equidade na educação infantil. Fazendo-se sentir acolhidas, amparadas e respeitadas pela escola e seus profissionais da educação. O ambiente escolar também proporciona elementos para o desenvolvimento da aprendizagem, precisando ser um ambiente seguro, os materiais didáticos devem estar ao seu alcance para garantir sua autonomia, além de referenciais visuais que se aproxime da realidade.

Na educação infantil o letramento é um processo no qual se precisa adentrar no mundo da criança, levando em consideração a sua cultura e o contexto em que está sendo inserida, buscando assim através das práticas sociais desenvolver a obtenção da leitura e da escrita.

Lembramos que as crianças das quais falamos são produtoras de seu próprio conhecimento, através de suas interações com o meio, sendo capazes de produzir cultura e de aprender antes mesmo que o conteúdo seja apresentado. Devemos então fornecer a elas a possibilidade de interagir com a cultura da escrita, valorizando seus conhecimentos prévios e sua leitura de mundo com a intenção de ampliar seu repertório sobre o uso social da língua.

Trazemos uma foto (Figura 2), onde as crianças manuseiam obras de literatura infantil e se posicionam em grupo. Na dinâmica da turma, esta ação se constitui numa oportunidade de manuseio de um portador de textos, onde as crianças realizaram a leitura através das imagens ao lado dos textos escritos das obras. Além de trocarem entendimentos entre os componentes do grupo, nas pequenas rodas.

Figura 2- Incentivo à leitura



Fonte: Autoria própria

Segundo Scarpa (2006), é na educação infantil que as crianças recebem informações sobre a escrita e ao brincarem com a sonoridade, através do reconhecimento de termos semelhantes e quando são apresentados a todo tipo de material escrito, sejam eles revistas, gibis, livros e entre outros recursos. Sendo assim, a escola pode incentivar a interação das crianças com diversos recursos, para que através das experiências de aprendizagem a partir da sua realidade.

Já segundo Magda Soares (2003), nos países desenvolvidos e nos de Primeiro Mundo, ao analisar as práticas de leitura e escrita assumem que a população, embora seja alfabetizada, não dominem as habilidades de leitura e de escrita necessárias para uma participação efetiva competente na prática social e profissional quando se trata da linguagem escrita. Logo ao serem analisados se parte do princípio de que independentemente das condições socioeconômicas todos devem dominar o sistema de escrita já que passou pela escolarização.

Contudo, precisamos destacar que a educação infantil não possui o objetivo de ensino da leitura e da escrita tal como se precede nos dois primeiros anos do ensino fundamental e também não se trata de uma antecipação desse momento de aprendizagem. Esta etapa da educação básica segue no sentido de fortalecer os direitos de aprendizagem prescritos na BNCC e nas DCNEI, no que diz respeito, entre outras questões, ao desenvolvimento de “diferentes linguagens” e “ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência

e a tecnologia” (BRASIL, 2017). Assim como, as experiências na educação infantil envolvem “acolhimento, segurança, afetividade, sensibilidade, habilidades sociais, domínio espacial e corporal, expressividade, privilegiando a curiosidade, o desafio e a oportunidade para investigação” (AIKAWA, 2014, p. 35).

Aprender uma palavra é diferente de saber seu significado e em que contexto está inserida, as pessoas aprendem a ler e a escrever, mas incorporam as práticas da leitura e da escrita em seu dia a dia, criam o hábito da leitura no contato com livros, jornais e outros meios. A vivência com a leitura é essencial para sua incorporação na vida, na cultura.

Atualmente muito se fala sobre alfabetização e letramento de modo comparativo, ambos têm conceitos diferenciados e cada um requer suas particularidades, por isso tentaremos esclarecer nesta escrita. Primeiramente entende-se que a alfabetização seja o processo de aprendizagem dos sistemas alfabético e ortográfico. É entender as transformações dos sons da oralidade em grafias ou as grafias em oralidade, além de realizar o movimento das grafias:

alfabetização, de também muitas facetas – consciência fonológica e fonêmica, identificação das relações fonema-grafema, habilidades de codificação e decodificação da língua escrita, conhecimento e reconhecimento dos processos de tradução da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita (SOARES, 2003, p.15).

Já o letramento é o desenvolvimento das habilidades de uso da tecnologia da leitura/escrita, no contexto social e cultural. É saber escrever e compreender os textos, saber para quem escreve e com que objetivo se escreve. Indo além da capacidade de ler e escrever, que às vezes é feita como uma atividade mecânica, limitada à codificação e decodificação de palavras. Podemos dizer que é um processo que possibilita a inserção do indivíduo na sociedade por meio da linguagem, por meio da interação, comunicação.

A sociedade é comunicada e comunica por meio da linguagem, a diversidade cultural e semiótica envolvida na construção de textos e significados exigem diariamente uma interpretação cada vez mais apurada para uma compreensão e comunicação efetivas. Assim,

se denomina *letramento*, de que são muitas facetas – imersão das crianças na cultura escrita, participação em experiências variadas como a leitura e escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos de gêneros de material escrito (SOARES, 2003, p. 15).

Desse modo, ler e escrever precisam fazer sentido para as crianças, não se configurando como treino de sílabas ou palavras desconexas. E ao oferecer às crianças da educação infantil a roda de leitura queremos vivenciar a leitura, compartilhar a linguagem do universo escrito, imaginativo e seu repertório cultural.

A formação integral da criança na educação infantil constitui em que a instituição de ensino compreenda que seu papel no desenvolvimento delas, vai muito além da transmissão de conteúdo. Inclusive, vale o destaque de que o eixo norteador das práticas pedagógicas nesta etapa são as interações e brincadeiras (BRASIL, 2009).

Assim como, entender as “interações e brincadeiras como eixos norteadores da prática pedagógica na educação infantil não pode confundir-se com uma sistematização de um processo escolarizante da infância” (AIKAWA, 2014, p. 36)

Isso significa que a aprendizagem não deve acontecer apenas na sala de referência da turma, mas também em espaços e situações fora dela. Para isso, é preciso que a escola ofereça diferentes experiências que possibilitem às crianças a trabalhar diversas linguagens.

A Figura 3 nos mostra um grupo pequeno de crianças da pré-escolas interagindo com imagens, compostas em livros, constituindo-se em oportunidade de interação. E destacamos que para oferecer uma formação integral, ações pedagógicas podem ser desenvolvidas em diversos formatos, dentro da sala de referência da turma ou fora dela.

Figura 3-Desenvolvimento de habilidades



Fonte: Autoria Própria

Para Kleiman (2005), antes de conceituar letramento é importante compreender o que não se configura como tal, pois letramento não é um método e não é alfabetização. Letramento envolve:

a imersão da criança, do jovem ou do adulto no mundo da escrita e, nesse sentido para conseguir essa imersão o professor pode: adotar práticas diárias de leitura de livros, jornais e revistas em sala de aula; arranjar paredes, chão e mobília da sala de tal modo que textos, ilustrações, alfabeto, calendários, livros, jornais e revistas penetrassem todos os sentidos do aluno-leitor em formação; fazer um passeio-leitura (KLEIMAN, 2005, p. 10).

Como o letramento se configura na inserção do sujeito em práticas sociais de leitura que tenham sentido para o grupo ao qual pertence, é fundamental que o professor busque na comunidade em que a escola está inserida as formas de leitura com a qual a comunidade tem acesso e faz uso no dia a dia.

Figura 4-Roda de leitura



Fonte: Creche e Escola Planeta Bebê, *Dia Nacional do Livro Infantil*, Manaus-Am, 18 abril 2021  
Instagram: @crecheplanetabebe .Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CN0EuYCDUqS/>  
Acesso em: 20 de maio de 2022.

Contudo, enquanto prática na educação infantil, as rodas de leitura devem ser trabalhadas, tendo em mente o propósito que se pretende seguir, considerando o arquétipo de leitor no qual se realizará para que se possam escolher os livros certos e aproveitar o máximo da leitura. Para assim chegar ao seu propósito de ampliação das linguagens da criança pequena, sua expressão, garantindo “a vivência de sua infância e seu desenvolvimento enquanto criança” (AIKAWA, 2014, p. 37).

## **2 CIRCULANDO ENTRE SABERES DOCENTES COM RODAS DE LEITURA**

O grande desafio da docência pode ser formar-se em sujeitos que desafiam o que está prescrito, na busca de outros modos de educar, de professorar. Cada profissional da educação precisa estar a todo o momento construindo e reconstruindo seus saberes, pois os avanços sociais estão evoluindo a todo momento e cabe ao professor estar em constante movimento para acompanhar os progressos que estão surgindo para então assim analisar e modificar as suas práticas docentes.

### **2.1 Rodas de leitura na Educação Infantil**

Aqui começamos a descrição de nosso trabalho com as rodas de leitura em turma de pré-escola.

As rodas de leitura foram implementadas em uma Instituição Privada de Manaus, localizada na região Centro-Oeste de Manaus, onde predominam condomínios e centros comerciais, atendendo a classe média onde predominam famílias que trabalham fora em diversas ocupações. Foi inaugurada no ano de 2015, surgindo com um ideal de uma educação de qualidade de seus mantenedores, proporcionando uma educação infantil de correspondente para crianças de 4 meses a 6 anos.

Começamos registrando trechos do Projeto Político Pedagógico da escola, pois nele estão impressas as intenções pedagógicas para as crianças de educação infantil. Essa intenção é destacada como do/no ensino está intrinsecamente ligada aos aspectos físico, emocional, emocional, cognitivo/linguístico e social da criança, compreendendo-a como um ser integral, completo e indivisível. Assim, atitudes simples do cotidiano como comer, contar histórias, desenhar e pintar, brincar em grupo, são valorizadas, levando em consideração princípios éticos, políticos e estéticos. A estrutura da escola oferece espaços abertos, ambientes planejados, atividades personalizadas, respeitando o ritmo de todos, proporcionando interação com o outro, potencializando o afeto. Apresentamos o trecho onde falam de interdisciplinaridade como marco em suas intenções:

A interdisciplinaridade é a ação que transforma e constrói o novo, é compreensão e vivência do movimento dialético entre o velho “conteúdo” fragmentado pela disciplina com as experiências contextualizadas e

interligadas a outras experiências. (PPP, 2021, p.18).

Dessa forma, podemos dizer que, a interdisciplinaridade entre os amplos campos do conhecimento e da cidadania, contribui para a compreensão dos fundamentos essenciais à construção de princípios e valores, extrapolando para questões transdisciplinares. Outro ponto de destaque é em relação ao planejamento, que são semanais, baseados em projetos contemplando temas que fazem parte do conteúdo anual. Segundo o PPP da Escola, as práticas se fundamentam em concepções que:

priorizam a análise dos reflexos do mundo exterior no interior dos indivíduos, pela interação deles com a realidade. Trata-se, portanto, de uma visão sociocultural. De acordo com Vygotsky, o desenvolvimento humano está diretamente ligado ao processo histórico. O indivíduo para se constituir-se como pessoa, precisa se inserir em determinado ambiente cultural, portanto, o aprendizado envolve a interação com outros indivíduos e a interferência direta ou indireta deles. (PPP, 2021, p.16).

Nessa perspectiva, a linguagem é o elemento de mediação entre os indivíduos e o social, desse modo, a Escola entende que o material didático é um recurso incompleto que necessita da construção entre o professor e criança para a aprendizagem. Sendo o professor mediador e precursor das sequências didáticas para melhor assimilação de conceitos, mas se faz necessário o papel da criança para contribuir com os seus saberes para que na troca de experiência possa construir o seu próprio conhecimento, internalizando conceitos e funções sociais.

Cada professor, é orientado então a organizar seus planejamentos e atividades de acordo com o perfil de sua turma, tendo uma flexibilidade para reorganizar experiências de forma que cada criança consiga colaborar com as aulas e produzir atividades e recursos de forma independente.

É dentro desse contexto que a turma do 2º período se encontra quando o projeto se torna oficial. Foi desenvolvido com crianças de 5 anos, formada por 17 crianças, sendo 9 meninos e 8 meninas, com uma criança com TEA, eles são muito participativos e tem um bom relacionamento entre os colegas e as professoras da sala, gostam de desenvolver atividades em grupos e mesmo que se apresenta-se alguns confrontos para que alguém esperasse sua vez de falar ou realizar-se sua participação na atividade, de modo geral cumprem os combinados.

Quando é proposto atividades pedagógicas de cunho recreativo, participavam, por exemplo, recriar histórias conhecidas, musicalizações, dramatizações ou o momento de dialogar sobre alguma história contada ou assuntos do nosso cotidiano.

As rodas até o início do projeto eram feitas apenas para divertir as crianças, sem um intuito além de alegrar, sem planejamentos ou propostas de desafios que trabalhassem a favor do letramento.

Nossa primeira roda de leitura com essa turma foi devido a ausência da professora titular, na época estava cursando língua portuguesa nos anos iniciais e falávamos muito da importância do incentivo à leitura. Foi então que argumentamos sobre criar o projeto, logo foi aceito pela direção da escola.

Ganhando um horário fixo, no fim do dia é que me gerou planejamentos para as temáticas trabalhadas, buscamos associar junto com o tema da semana e os valores que a escola se baseia no planejamento semestral. Mas levar em consideração também uma escolha democrática, observando as crianças e seus interesses.

Antes de iniciarmos as rodas, fizemos uma leitura de como as rodas eram feitas e no que poderia ser melhorado. Começamos com a criação de um roteiro de acordo com que aprendemos no Curso de Pedagogia, pensamos no que queríamos fazer, traçamos um planejamento que atendesse aquela turma de modo mais específico.

Começamos a fazer as rodas, primeiramente com o acolhimento e introdução do tema, que normalmente eles já tinham ouvido falar e já colaboraram com suas percepções, depois apresentava a autora e a história de modo a indagar sobre os personagens, o que será que iria acontecer? E durante todo o enredo ia parando para refletir com eles sobre determinadas atitudes e quais seriam as melhores tomadas de decisões. No fim, eles gostavam de dar suas opiniões e o que poderia ter sido diferente.

É importante citar que me dedicava em não mudar nada na história, liberava para que eles olhassem sempre as imagens e manusearem o material. Desde o princípio, já realizavam a leitura de imagem muito bem e conseguiam criar suas próprias traduções. Com o tempo desenvolvemos nossos próprios recursos juntos, maquetes de cidades, fantoches com retalhos de tecido, desenhos que ilustravam cada momento da história para que durante a contação eles fossem montando a sequência.

A história da semana era lida de forma fragmentada, sempre contava um trecho e fazíamos algumas atividades práticas que o enredo envolvesse. Uma delas foi com a obra *“O mundo que não conhecia as palavras mágicas”* do autor Hideli Mary Estork. Para esse momento eles foram citando as palavras mágicas e citando momentos em que socialmente elas deveriam ser usadas.

No primeiro dia eles fizeram encenações sobre uma palavra mágica, sendo divididas em grupos eles escolheram e se organizaram para apresentar para os outros colegas. Para mim foi interessante ver como eles se dividiam para quem iria fazer o que ou como poderia ser, foi além de minhas expectativas. Nos dias seguintes eles trabalharam com alfabeto móvel formando as palavras vistas no dia anterior, depois confeccionamos desenhos para montarmos um mural e por fim apresentamos o que a história para outras turmas.

Devo acrescentar que até o fechamento dessa semana, eles já conseguiam recontar de seu modo a histórias, a professora já percebia a diferença na conduta no dia a dia e nas convivências uns com os outros. De certo modo, tenho um carinho especial por essa obra e essa semana inteira de atividades, fui percebendo o desenvolvimento da turma durante a semana.

Ao concluir a semana fiz uma retomada do trabalho realizado. As crianças apresentaram melhor entendimento do tema abordado, percebi que elas começaram a usar com mais frequência as palavras mágicas e durante todos os dias elas me observam para ver como coloco em prática o que trabalhamos, quando uso os termos param o que estão fazendo para falar que usei as palavras.

Outra roda que me marcou nessa experiência teve como tema Mulher, nesta semana trabalhamos a história e o valor do feminino na vida, com ilustrações que mostravam cenas do cotidiano de uma mulher, logo eles citaram que parecia com suas mães.

Durante os fatos narrados eles comentavam sobre a injustiça, porque existia as diferenças salariais ou porque a mulher trabalhava a mais. Uma fala que nos chama atenção vem de uma aluna. Ao citar a diferença salarial, dei como exemplo as barras de chocolates para que eles identificassem através da quantidade as diferenças e recebi o seguinte comentário.

*“Os homens deveriam dividir o chocolate, se fosse ao contrário eu iria dividir com eles, porque se fazemos as mesmas coisas deveríamos receber a mesma quantidade”.* -Aluna A, 5 anos.

No final dialogamos sobre as conquistas desse protesto, e os impactos que isso causou na sociedade. Para finalizar ouvi a seguinte frase.

*“Se elas não tivessem protestado iríamos estar fazendo as mesmas coisas até hoje” Aluna C, 6 anos.*

Nesse momento compreendi como todos entenderam o objetivo de toda a história, alguns disseram que esse tema já tinha sido abordado em casa, que as famílias explicaram e deram outras histórias de conquistas femininas.

## 2.2 As rodas e a formação docente

Entre as aprendizagens no Curso de Pedagogia, podemos destacar que a formação do docente deve estar ligada a tarefas de desenvolvimento curricular, planejamento de programas e nelas implicar-se, tratando de situações relacionadas ao ensino. Entre outras questões, os professores aprendem sobre relações, convivência, cultura, contexto e interação social.

Desse modo, a formação docente assume um papel que vai além do ensino que pretende uma mera atualização científica, ou mera transmissão de conteúdo. Mas torna-se possibilidade de participação e reflexão.

Nessa perspectiva, podemos enfatizar que a formação dos docentes, em especial desta que escrevemos, e a construção da sua identidade profissional devem ser consideradas no processo de conquista de uma gestão educacional que promova a renovação da prática educativa, ou seja, recupere os sujeitos do processo – professores e crianças, a partir da crença em suas possibilidades e potencialidades.

Na formação de professores as estratégias constituem uma forma de fazer com que os professores reflitam sobre a sua prática, tornando-os mais competentes na análise das questões cotidianas para sobre elas agirem (ALARCÃO, 2003).

Nesse sentido, evidenciamos que neste Curso de Pedagogia e na atuação enquanto professora, pudemos construir uma autoconsciência pessoal e profissional (ALARCÃO, 1996), a partir da análise da própria prática docente. Assim, as estratégias de formação foram “um meio de formar professores reflexivos, isto é, professores que examinam, questionam e avaliam criticamente a sua prática” (*Ibidem*, 1996, p. 100).

Durante as rodas vimos que de modo essencial vem a organização e planejamento do nosso trabalho para que possamos entender onde estamos e onde

queremos ir. Foi planejar de acordo com a realidade das crianças que obtivemos maior interação e aprendemos com eles que nossos atos, atrelados à formação inicial em Pedagogia, são fonte de maior aprendizado para a docência.

É através do olhar atento, da escuta viva, das interações que mais estimulamos as crianças e a nós mesmos, sendo pessoas que curiosamente buscam por novidades e recursos diferentes, é inovar para melhorar nossa prática. Com eles e por eles estávamos sempre modificando nosso método.

De certo que as rodas demandavam horas de dedicação para os planejamentos, ensaios em frente ao espelho para aprimoramento das expressões faciais e as técnicas sonoras para apresentar nossa melhor versão de contadores de história para as crianças. Assim como a confecções de recursos e as pesquisas para buscar curiosidades e possíveis perguntas que poderiam surgir.

Assim, mobilizamos nossa prática a partir da reflexão dela mesma, ou seja, iniciamos o caminho de uma ação de professor que reflete e avalia criticamente a sua prática. Para compreendê-la e modificá-la, a partir do olhar atento às linguagens das crianças.

Se para nós, durante a graduação gostávamos e tínhamos mais interesse nas aulas mais dinâmicas e que refletisse sobre as realidades e os próprios exemplos utilizados eram os nossos. Uma observação que fizemos e nós impressionavam era que nossas melhores aulas, os professores não apenas escreviam o quadro ou liam slides. Mas aquele que de fato dominava os assuntos, de modo que com o tempo entendemos que tinham um planejamento e estudo sobre o que era explicado. Imaginamos que para as crianças pequenas isso seja ainda mais necessário.

Por esse motivo, as rodas de leitura analisadas permitiram rever nossa forma de ler histórias para crianças quando inicialmente pensávamos em entretenimento e até a antecipação da alfabetização. E passamos a pensar que as interações com as leituras são um direito para as crianças e nós professores somos mediadores nesse momento.

Sabemos que cada profissional da educação precisa estar a todo o momento construindo e reconstruindo seus saberes, que temos saberes acumulados, mas esses não podem ser considerados como suficientes. Precisamos sempre rever nossas práticas.

A mobilidade dos saberes dos professores, referidos por ela como saberes da docência, é um passo importante para mediar o processo de construção

da identidade profissional dos professores. Sob este aspecto, indica que esses saberes são constituídos por três categorias: os saberes das experiências, os saberes dos conhecimentos – referidos os da formação específicas (matemática, história, artes etc.) e, os saberes pedagógicos, aqui entendidos como que viabilizam a ação do ensinar. Neste sentido, para autora, as três categorias identificam o que é necessário saber para ensinar (PIMENTA, 1999 apud CUNHA, 2007 p. 7).

Neste TCC, tratamos mais diretamente da relação entre os saberes da formação profissional e os saberes experienciais, dado que pudemos integrar e movimentar nossas aprendizagens da e na prática educativa.

Por fim, as rodas, meu exercício de professora e a educação infantil puderam me proporcionar uma formação mais completa ao relacionar meus aprendizados teórico-práticos da formação inicial em Pedagogia.

## CONSIDERAÇÕES

*Ciranda, cirandinha  
Vamos todos cirandar  
Vamos dar a meia volta  
Volta e meia, vamos dar*

*(Cantiga popular brasileira)*

Nesse convite de entrar na roda, entrei e circulei em vários espaços dos saberes-fazer docentes. Nessa ciranda de formação docente, fiz volta e meia e meia volta entre o que eu fazia, sabia, ouvia e sentia, em minha atuação enquanto professora de crianças em fase pré-escolar. Este TCC representou um pequeno recorte de minhas vivências com as rodas na educação infantil e suas relações com os saberes e aprendizados fortalecidos em minha formação inicial na Licenciatura em Pedagogia.

Em nossas reflexões, lembramos de toda a nossa formação. Desde a Educação Infantil até a Universidade. Como gostamos desses momentos de contação ou como exercitava esse exercício da docência nos momentos do projeto. Sempre buscando inovar e acompanhar o ritmo das crianças, tendo um olhar do seu ser de forma integral e afetiva.

As práticas pedagógicas que experimentamos fazem perceber como fomos conduzidas para tal feito. Aos professores no qual tivemos oportunidades de aprendizado, atualmente temos um olhar pedagógico que enquanto criança se passava despercebido, mas que de fato marcaram toda uma jornada acadêmica, fomos conduzidas para criar esses hábitos.

Com referências teóricas que aprendemos durante toda a nossa trajetória acadêmica e as vivências com a turma da pré-escola, percebemos que conseguimos construir um aprendizado mais completo e o trabalho com as crianças foi muito necessário.

Durante toda pesquisa realizada, percebemos que as rodas de leitura ajudam a construir um momento prazeroso e dinâmico com a leitura. Da mesma forma, através da leitura nós professores conquistamos uma postura crítico-reflexivo, perante nossa própria prática pedagógica.

Na roda de leitura devemos cada vez mais incentivar a relação das crianças com a leitura e suas diversas linguagens.

Percebemos em nossa vida cotidiana que as crianças não têm mais o mesmo interesse pela leitura, estão muito mais interessadas em celulares e vídeos de internet, deixando de lado os tão importantes livros. E isso é um fato com o qual nós professores devemos lidar pedagogicamente na escola.

Essas experiências, foram importantes pois saímos de rodas de leitura sem objetivos e finalizamos o ano com crianças que liam e produziam suas hipóteses de escritas, tivemos crianças que criaram seus acervos literários para que de certa forma fossem acompanhando todos os temas que abordamos ao decorrer do ano. Apesar deste não ser o objetivo da leitura na educação infantil. O retorno foi tão positivo que eles avançaram na escrita e em suas produções de modo a construir de forma voluntária suas hipóteses das palavras que mais chamavam a sua atenção. Com o tempo, eles já reconheciam nomes de autores, exploravam com mais atenção os detalhes das ilustrações e expressões dos personagens, tinham curiosidades por palavras novas.

O retorno que os pais tiveram, foi um olhar diferenciado para essa prática que até então não era realizada com a sua devida importância, se deram ao modo como os seus filhos desenvolveram melhor em seu vocabulário e argumentos. O modo como eles queriam continuar até o fim do horário do projeto para terminar suas confecções, ou como saíam falantes e alegres contando tudo o que tinha acontecido naquele momento, também chamava atenção dos pais.

No segundo semestre do ano, começamos a incentivar a produção de suas próprias histórias, algumas crianças passaram até mesmo ler os livros para os outros que estavam presentes e dar sugestões de outras leituras.

Nossos professores foram modelos no qual nos inspiramos, o que nos encantava atualmente percebemos que são frutos de planejamentos, estudos e formações, uma escuta sensível para se estabelecer uma boa relação com as crianças. Vemos que foi nessas trocas de experiências que adquirimos novos conhecimentos já que não nos formamos sozinhos.

Seguimos em gratidão por seguirem a leitura até aqui, destacamos que as rodas de leitura na educação infantil não só fizeram parte da vida das crianças da turma de pré-escola citada aqui, mas também de minha vida de professora em formação.

## REFERÊNCIAS

AIKAWA, Monica Silva. **Educação em ciências nas práticas pedagógicas de educação infantil**. Dissertação (Mestrado de Educação em Ciências na Amazônia). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, p. 134, 2014.

ALARCÃO. I. (org.). **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da União. ano 1990, Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm#art266](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm#art266) . Acesso em: 10 de maio. 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em 10 jun. 2022.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. – Brasília: MEC, SEB, 2010

CUNHA, E. R. **Os saberes docentes ou os saberes dos professores**. UFC – Universidade Federal do Ceará, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** São Paulo: Unicamp, 2005.

LOURENÇO, Fabiana Mattoso. A roda que nos move: circularidade, integralidade e diálogo na Educação. Orientadora: Maria Alexandra Militão Rodrigues. 2019.107 f.TCC (Graduação).Curso de Pedagogia,Faculdade de Educação. Universidade de Brasília. Brasília ,2019. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/22681/1/2019\\_FabianaMattosoLourenco\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/22681/1/2019_FabianaMattosoLourenco_tcc.pdf). Acesso em: 25 fev 2022

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Na dança e na educação: o círculo como princípio**. Educação e Pesquisa, São Paulo, 2009.

PRIORE, Mary Del. História das Crianças no Brasil. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2013. PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Creche e Escola Planeta Bebê, Manaus, 2021. SCARPA, Regina. “Alfabetizar na educação infantil. Pode? ”. Nova Escola, 1 fev.2006. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/126/alfabetizar-na-educacao-infantil-pode>>. Acesso em: 2 de nov. 2020.

SEBASTIANI, Márcia Teixeira. A ideia de infância e sua escola. In.: SEBASTIANI, Márcia Teixeira. **Fundamentos teóricos e metodológicos da educação infantil**. Curitiba: IESDE BRASIL S.A., 2008.

SOARES, M. B. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, n. 25, p. 78-94, jan/abr. 2003.

SILVA, Adriana da. A roda de conversa e sua importância na sala de aula. Biblioteca da UNESP: Rio Claro/ SP, 2012

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de pedagogia da leitura**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.